

ASPECTOS DA OBRA DE SILVA CAMPOS *

Yeda Antonita Pessoa de Castro

(Departamento de Antropologia e Etnologia, Universidade Federal da Bahia)

Trata, este artigo, de um estudo de caso na avaliação de influências africanas no Brasil, a partir da análise sincrônica dos aspectos temático-formais e lingüísticos que se encontram em *Contos e Fábulas Populares da Bahia*, coletânea folclórica pouco conhecida como da autoria de João da Silva Campos por achar-se incluída em livro de Basílio de Magalhães *O Folclore no Brasil*, publicado pela primeira vez em 1928, segunda e última edição em 1939.

A nossa análise é sincrônica, primeiro, porque, diacronicamente, teríamos de levar em consideração a recorrência das tradições orais ibéricas e ameríndias, o que dificultaria mais ainda o nosso trabalho por falta de bibliografia e de informações necessárias para tanto; segundo, porque cada vez é mais admissível que a profundidade sincrônica revela uma antigüidade diacrônica.

A coletânea Silva Campos reúne 83 contos tradicionais do Brasil, "todos colhidos diretamente da versão popular", nas palavras do seu autor, sendo 8 do extremo-norte — Amazonas, Pará e também do Piauí e Maranhão —, e 75 contos da região do Recôncavo baiano, onde nasceu Silva Campos (1).

* * *

O Recôncavo baiano, região que circunda a Baía de Todos os Santos e a cidade do Salvador, cidade a que sempre esteve interligada por uma linha histórica contínua, é uma região de povoamento muito antigo, dos princípios da colonização do Brasil, no século XVI. Essa região exigiu, durante o Brasil colonial e imperial, um grande contingente de mão-de-obra africana para as suas plantações de cana-de-açúcar e, depois, de fumo. Calcula-se ter ali havido, nos dois séculos passados, uma média de cem negros para seis brancos e pardos, enquanto, hoje, apresenta um elevado índice demográfico de negros e mestiços, aproximadamente 75% da sua população total (Azevedo, 1949).

Em todos os contos colhidos por Silva Campos no Recôncavo, evidencia-se a influência africana tanto nos seus aspectos temático-formais como lingüísticos.

Como sabemos que os temas recorrentes do folclore são mundiais, é problemático avaliar a profundidade ou extensão de determinada influência africana a partir da análise do tema; no entanto, sabemos também que a palavra constitui o centro nervoso da tradição oral. Enquanto a forma é a maneira aceita de transmitir o conteúdo, a palavra é o seu sistema de referências. É característica, embora não exclusiva, da tradição oral africana intercalar à narrativa corrente versos e estrofes cantados, com refrões de efeitos onomatopáicos como recurso estilístico, mas cuja finalidade precípua é dar apoio ao tema narrado e promover a interação do ouvinte com os feitos e as situações contidas na narrativa. Em outros termos, como se trata de o narrador induzir o auditório a aceitar como real, também como seu, os fatos e o mundo fictício do conto que está narrando, numa situação de contáto lingüístico, de bilingüismo ou de multilingüismo, como aconteceu com os africanos no Brasil passado, o sistema lexical daqueles versos tende a conservar-se por estar apoiado em palavras carregadas de grande conotação emocional, denunciando, assim, a origem do seu narrador, conseqüentemente a extensão ou a profundidade de determinada interferência cultural ou lingüística.

Falamos em sistema lexical, em nosso caso, com referência a palavras e expressões de evidente origem africana usadas com um operacional — o de dar apoio ao tema narrado ou transsubstanciar a figura das entidades fantásticas contidas nas narrativas —, por isso mesmo já modificadas pela interferência lingüística do português, da maneira como aconteceu com a terminologia religiosa dos candomblés, a chamada “língua de santo” na Bahia (Castro, 1976).

Dos 75 contos da coletânea Silva Campos, contamos 38 com versos de apoio ao tema narrado. Com exceção de apenas um conto, *O Menino e o Assovio*, onde o sistema lexical dos versos “babamin ocú, filefilê” denuncia a influência de povos iorubafones dos atuais territórios da Nigéria e do Benin, ex-Daomé, na África Ocidental, os demais 37 contos contêm dados de igual caráter, mas de evidente origem banto, o que denuncia a presença maciça dos bantos no Recôncavo da Bahia por um lado, e, por outro, a presença dos iorubás também no Recôncavo, onde, apesar de numericamente inferiorizados em relação aos bantos, mostraram-se igualmente influentes (Castro, 1976).

Desses 37 contos, destacam-se os seis contos do *Ciclo do Quibungo* pela sua comprovada origem banto. São eles:

- A Aranha Caranguejeira e o Quibungo*
- A Menina e o Quibungo*
- O Quibungo e o Menino do Saco de Penas*

Titi-Marué
O Bicho Cumujarim
O Bicho-Homem

Convém, logo, observar que as três últimas denominações são sinônimas de *Quibungo* e que o conto *O Bicho-Homem* não passa de um conto inteiramente por tradução ou decalque do conto *O Bicho Cumujarim*, na medida em que o sistema lexical de origem banto está todo ele substituído por palavras em português corrente, o que denuncia um último estágio de íntimo impacto total de contáto lingüístico e cultural, conseqüentemente a profundidade e extensão subjacentes, por mais antigas, das influências bantos na Bahia, em particular, e no Brasil, em geral (Castro, 1978).

A figura central desse ciclo de contos é a do *Quibungo*, uma espécie de cão selvagem, de lobo fantástico, que tem um enorme buraco nas costas por onde costuma comer crianças malouvidas ou crianças que encontra acordadas durante as suas incursões noturnas pelo Recôncavo da Bahia, o equivalente ao *bicho-papão*, ao *tutu-marambaia*, também de origem banto, dos acalantos infantis no Brasil.

A palavra *Quibungo* vem do étimo banto "Mbungu", a *hiena*, o *cão selvagem*, com prefixo nominal classe 7 que dialetalmente pode ser "ki" ou "chi-", sendo que o prefixo "chi-" pode dar uma idéia depreciativa ou pejorativa ao sentido da palavra, e, às vezes, também aumentativa.

Sabemos que as línguas bantos se valem de um sistema classificatório de prefixos nominais para indicar plural e singular. Em geral, cada classe de prefixos corresponde a um determinado valor semântico, como aumentativo, diminutivo, locativo, animado, etc., a exemplo da palavra *Banto*, de "ba-ntu", plural de "mu-ntu", *homem*, com prefixo classe 1/2, "mu-"/"ba-" (Meussen, 1969).

Na África banto, entre os *bacongo* (Zaire, Congo e Angola) e entre os *ambundo* (Angola), ambas as formas ocorrem para designar um ente fantástico com as mesmas características e propósitos do *Quibungo* do Recôncavo baiano. Já na linguagem popular da Bahia, *Xibungo*, abusivamente passou a significar *pederasta passivo*, sentido que não ocorre em África, o que talvez possa ser aqui considerado como um dos casos que Weinreich (1953) denomina de homonímia, isto é, quando se produz um "pulo" no sentido do empréstimo lexical, neste exemplo parecendo de conotação bastante lógica (Castro, 1976).

Como entre aqueles povos bantos, também, na Bahia, a figura do *Quibungo* é descrita como a de um enorme bicho, uma espécie de macaco preto, peludo, e existe a crença de que pessoa muito velha ou preto velho vira *Quibungo*.

Essa imagem do *Quibungo* encontra-se nas figuras do *Titi-Marué*, isto é, do *bicho-tutu*, e do *Bicho Cumujarim*, tendo uma comprovação lin-

güística muito evidente no conto do *Bicho Pondé* ou *Pongué*, uma variante do *Bicho Cumujarim* recolhida em Juiz de Fora, Minas Gerais, por Lindolfo Gomes (1946).

Pongué vem do étimo banto "mpongi", chimpanzé, símio, macaco, *Cumujarim* é uma expressão atributiva do *Quibungo*, completa nos versos, intercalados à narrativa, "cumujarim gombé", dos étimos bantos, "kumu njara ngombé", isto é, o ser que vem das profundezas da terra. Como aí se encontra a raiz "njara", comer, ter fome, logo, "cu-mujarim gombé", o bicho-papão, o ser que vem das profundezas da terra para comer (Castro, 1978).

Além de Silva Campos, Basílio de Magalhães (1928), Nina Rodrigues (1933) e Souza Carneiro (1937) registram ao todo mais seis variantes dos contos do *Ciclo do Quibungo*, na cidade do Salvador e no Recôncavo, enquanto, fora da Bahia, até agora, foi registrada apenas aquela variante de Juiz de Fora, mas sob a denominação de *Bicho Pondé*, donde se conclui que esse ciclo de contos, pela sua maior ocorrência na Bahia e sob a denominação de *Quibungo*, é um ciclo de contos regional baiano, de maneira particular ainda mais porque a variante dialetal banto da palavra *Quibungo*, o termo *Xibungo*, como sinônimo de pederasta passivo na Bahia, é outro empréstimo lexical de origem banto encontrado no Português do Brasil, mas de uso corrente na linguagem popular da Bahia.

Ademais, até que novas pesquisas abrangendo outras regiões da África banto sejam feitas, esses contos, na Bahia, são mais precisamente de origem bacongo e ambundo, povos que habitam territórios antes compreendidos pelo antigo Reino do Congo, de onde partiram os primeiros grandes contingentes de africanos para as Américas (Duffy, 1961).

Convém, porém, esclarecer que não estamos tentando fazer a exaltação dos povos bantos na Bahia, nem minimizar a notável influência dos povos da África Ocidental entre nós. Estaríamos a fazer o mesmo que vem ocorrendo em relação à influência iorubá no Brasil. Estamos apenas tentando mostrar que os dados de nossa pesquisa nos levam a concluir pela presença maciça de povos bantos na Bahia em geral, e pela influência ambundo e bacongo na literatura tradicional baiana, o que contraria a concepção inadequada, mas generalizada entre nós pela orientação que tomaram os estudos afro-brasileiros, de dividir o Brasil em duas supostas áreas de influências africanas — iorubás em todo o Estado da Bahia, e bantos em outros Estados — como se essas duas áreas de influências estivessem em dois compartimentos limítrofes, mas estanques para os pesquisadores. Em outras palavras, os pesquisadores interessados em estudar as influências bantos no Brasil supostamente não as encontrariam na Bahia, enquanto os interessados pelas influências iorubás no Brasil iriam encontrá-las apenas na Bahia.

Tal orientação, parcial e centrista, deve-se, primeiro, ao fato de até pouco tempo, quando o CEAO começou a diversificar as pesquisas também pelo Recôncavo da Bahia, terem sido os estudos em torno das influências africanas nesse Estado concentrados nos aspectos religiosos dos candomblés de maior prestígio cosiológico localizados na cidade do Salvador, e que se dizem de “nação” nagô-queto ou queto puro, ou seja, aqueles que conservam traços notáveis da religião tradicional dos povos da Costa Ocidental de África, mais aparentemente dos povos iorubafones; segundo, ao fato de a cidade do Salvador ser referida constantemente pelo seu antigo nome de Bahia sem que seja esclarecido que se trata da Capital do Estado, e não de todo o Estado da Bahia.

Para finalizar, peço licença para tornar esta comunicação ao mesmo tempo uma homenagem ao 50º da publicação de *Contos e Fábulas Populares da Bahia* e aos 90 anos da abolição da escravatura no Brasil.

NOTAS

(*) — Comunicação apresentada à XI Reunião Brasileira de Antropologia (Recife, Pe., 7-9 de maio de 1978).

(1) — João da Silva Campos era um homem de cor. Nasceu em 1880, no município de Santo Amaro da Purificação, na zona açucareira do Recôncavo baiano. Em 1905, formou-se engenheiro geógrafo pela Escola Politécnica da Bahia. Já, em 1907, começou a servir em diversas comissões técnicas para o Estado e em diferentes Estados do Brasil, como Amazonas, Pará, Piauí, Minas Gerais e Espírito Santo. Silva Campos também foi poeta e historiador, tendo participado de vários movimentos literários da Bahia da sua época. Faleceu em 1940, com pouco mais de sessenta anos de idade.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Thales de — *Povoamento da Cidade do Salvador*, Bahia, Prefeitura Municipal do Salvador, 1949.
- CARNEIRO, Souza — *Os Mitos Africanos no Brasil*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1937.
- CASTRO, Yeda Pessoa de — “*Antropologia e Lingüística nos Estudos Afro-Brasileiros*”, Salvador, in *Afro-Ásia*, pb. CEAD da UFBa., nº 12, 1976.
- — *De L'Intégration des apports Africains dans les parlers de Bahia au Brésil*, tese de doutoramento, Universidade Nacional do Zaire, 2 tomos, 1976.
- — *Contos Populares da Bahia*, Bahia, DAC, Prefeitura Municipal do Salvador, 1978.
- DUFFY, James — *Portuguese Africa*, Massachusetts, Cambridge, Harvard University Press, 1961.
- GOMES, Lindolfo — *Contos Populares Brasileiros*, São Paulo, Edições Melhoramentos, 2a. edição (1a. ed., 1931), 1946.

MAGALHÃES, B. de — *O Folclore no Brasil*, Imp. Nacional, Rio de Janeiro, 1939.

MEUSSEN, S. E. — *Bantu Reconstructions*, Bro. Manuscripts Tervures, 1969.

RODRIGUES, R. Nina — *Os Africanos no Brasil*, S. Paulo, Cia. Editora Nacional, 1933.

WEINREICH, Uriel — *Languages in Contact*, New York, Linguistic Circle, 1953.